

nelson saúte

rio dos bons sinais

Finôua
[beraj]

Copyright © 2007 Nelson Saúde.

Coordenação geral
José Eduardo Agualusa

Editor
Eduardo Coelho

Capa e projeto gráfico
Rico Lins

Revisão
Ana Paula Belchor

Foto
German Lorca

Editoração
Leandro Collares (Selênia Serviços)

CIP BRASIL – DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO | CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO - SP

Saúde, Nelson.
Rio dos Bons Sinais / Nelson Saúde. – Rio de Janeiro :
Língua Geral, 2007. – (Coleção ponta-de-lança)

ISBN 9-77-85-60160-19-8

1. Conto moçambicano (português). I. Título.

07-7637

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura moçambicana em português 869.3

Todos os direitos desta edição reservados à
Língua Geral Livros Ltda.
R. Jardim Botânico, 600/gr. 501-503
Rio de Janeiro - RJ 22461-000
Tel: (21) 2259-3108
Fax: (21) 2259-3240
www.linguageral.com.br

a fi

nelson saúte

N
 ceu à má
 sobre o d
 do MK³³, c
 gada de 9 a
 teira entre
 soldados da
 companhia que iam em missão clandestina
 e de sabotagem. Nesse dia, Carla lembrou-se do episódio
 no mall³⁴ de Mbabane, onde um desconhecido lhe pusera,
 por sobre o seu carrinho de compras, um machado. Foi
 quando decidiu regressar a Maputo, meses depois de ter
 atravessado a fronteira, numa madrugada chuvosa de abril,
 levando consigo o pequeno Sello e a sua mana Lebogang.

Carla Motau vive hoje na África do Sul, foi uma
 das primeiras moçambicanas a casar-se com um comba-

³³ Braço armado do Congresso Nacional Africano da África do Sul (ANC) durante a luta anti-apartheid. Também conhecido por *Umkhonto we Sizwe*.

³⁴ Centro comercial.

a fotografia de william faulkner

No dia em que Sello desenhou um caixão e o ofereceu à mãe, a moçambicana Carla Motau pressentiu o pior sobre o destino do guerrilheiro sul-africano Paul Dikelede, do MK³³, com quem casara em fevereiro de 1980. Na madrugada de 9 a 10 de julho de 1987, Dikelede atravessava a fronteira entre a Swazilândia e a África do Sul, para infiltrar os soldados da sua companhia que iam em missão clandestina e de sabotagem. Nesse dia, Carla lembrou-se do episódio no *mall*³⁴ de Mbabane, onde um desconhecido lhe pusera, por sobre o seu carrinho de compras, um machado. Foi quando decidiu regressar a Maputo, meses depois de ter atravessado a fronteira, numa madrugada chuvosa de abril, levando consigo o pequeno Sello e a sua mana Lebogang.

Carla Motau vive hoje na África do Sul, foi uma das primeiras moçambicanas a casar-se com um comba-

³³ Braço armado do Congresso Nacional Africano da África do Sul (ANC) durante a luta anti-apartheid. Também conhecido por *Unkhonto we Sizwe*.

³⁴ Centro comercial.

tente sul-africano, muitos anos antes do belo romance entre Graça Machel e Nelson Mandela. Paul Dikelede foi o primeiro guerrilheiro do Unkhonto we Sizwe que chegou livre à sua terra, embora cravejado de balas. Ele seria recebido por Winnie Mandela e enterrado sob a guarda militar do apartheid, que afluíu ao Soweto para conter a força indignada daqueles por quem ele consentiu verter o seu sangue.

O antigo jornalista ouvira esta história há muito. No dia em que fez quarenta anos, decidiu que ia escrevê-la.

— Estou na idade de escrever um romance.

Resolveu embarcar com destino a Joanesburgo, em busca dessa lenda imprevisível. Estava na idade de escrever um romance, mas não um romance qualquer. Tinha que ser um romance de amor. Os verdadeiros romances são os romances de amor, acreditava.

Acabara de ler *Vivir para Contarla*, de Gabriel García Márquez, o escritor que mais admirava. Comprara o volumoso livro de memórias em Madrid, no outono de 2002, na rota de um amor impossível. Madrid representava o seu mapa lírico. Era uma das suas cidades. Lá aportara, muito jovem, à procura do amor da sua vida. Para lá regressava sempre.

Não esquece a primeira viagem, de comboio, na qual sonhava, no seu sono intermitente, com os duendes da in-

fância e os touros de uma arena sevilhana. Tudo isto por obra e graça do poema de Federico García Lorca, os inescquecíveis versos lacerados pela contundente dor da perda de Ignacio Sanchez Mejías.

Nunca mais se esquecerá dessa longa viagem, pela noite cerrada, de uma primavera longínqua. Chegará a Madrid pela madrugada e no trajecto do metropolitano tinha um flautista, cujo rosto fustigado pela solidão denunciava um homem sem abrigo. Mas aquele solo contundente era de um mestre, de um verdadeiro artista, como muitos que haveria de descobrir nas ruas ou em lugares públicos. Entre todos, o saxofonista do Parque del Buen Retiro. Madrid foi a primeira grande descoberta. Mas ele amava outras cidades. Era sobretudo um amante de cidades e viagens.

Mais tarde aprendeu a atravessar o seu país. De comboio, um dia inteiro entre o Malawi, Entre-Lagos e Nampula, passando por Cuamba. Aquelas paisagens do Niassa eram de uma beleza solitária e dilacerada. Ou a estrada entre Nampula e Nacala, percurso que foi o seu na infância.

Mas também mais para sul. A descoberta de Inhambane aos trinta anos. A viagem prometida à terra dos antepassados, viagem que demorou três décadas por causa da guerra que avassalava tudo o que encontrava na estrada nacional número 1. Hoje sempre regressa e redescobre a

beleza da sua terra. As verdes paisagens do Sul, as montanhas na estrada para Manica, o cacimbo de Sofala, a Ilha de Moçambique, o Lumbo, Pemba.

Ele considerava-se um homem em permanente perseguição de si próprio. Na vida, no amor, na profissão que o enjeitara, em tudo. Procurava-se a si próprio. Abandonara o jornalismo aos trinta anos, dez anos antes. Nem sabe porquê.

Esta ausência da redacção de um jornal contundiu-o. Ele era um homem de redacções. Iniciara no tempo das máquinas de escrever, adorava o matraquear das teclas, o barulho das *azert*, do virar da linha, da substituição do papel. Gostava de descer à tipografia, ver no chumbo da *linotype* a sua história, antes que ela saísse à rua. Conhecera depois a evolução para a era dos computadores. Os jornais agora fazem-se de forma diversa. A nostalgia daqueles tempos da exígua redacção da *Tempo*, para onde entrara antes dos vinte anos, no final da década de 1980, uma época de grandes sonhos e ilusões, quimeras e dissabores. Era o tempo em que na redacção alimentava grandes sonhos sobre a liberdade e a condição humana. Um dos sonhos que partilhava com o fotógrafo Kok Nan era reportar a libertação de Nelson Mandela.

Ao longo de muitos anos, Mandela foi o grande fascínio. Como seria o velho combatente depois de longos e

tortuosos anos de cadeia? Que rosto era o dele? As fotografias que se conheciam na época tinham o deferimento de mais de um quarto de século. A luta anti-apartheid era um dos seus motivos, interessava-se muito pela luta dos sul-africanos. Lembrava-se, emocionado, do espectáculo de Wimbley, na Inglaterra, exigindo a liberdade de Mandela e seus companheiros de luta. A voz e a canção de Peter Gabriel, de punho cerrado, evocando Steve Biko, como aquele punho na fotografia lendária de Peter Magubane. Ou a voz de Hugh Masekela cantando esse hino chamado *Stimela*. Nunca mais se esquecerá das emoções que viveu ao ver aquele espectáculo na televisão. A África do Sul representava, por isso, um grande fascínio.

Para a viagem, levou consigo um livro, como era hábito. Desta vez o romance, de William Faulkner, *O som e a fúria*. Não era a primeira vez que tentava ler o romance de Faulkner. A primeira tentativa acontecera há mais de vinte anos. Quando nos cotovelos da conversa nas tardes dos anos de 1980 a literatura mobilizava tertúlias, William Faulkner era um dos demónios tutelares, como dizia o mestre.

Sonhara com a velha história entre o sul-africano do Unkhonto we Sizwe e a moçambicana. Iria certamente descobrir uma história de amor que valesse de argumento para um romance. Ele acreditava nos sonhos, sabia decodificá-los. Conhecia os seus significados.

Carla Motau trabalhava no escritório dos Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique — CFM, em Joanesburgo. A primeira visita à sua futura personagem aconteceu na manhã de quarta-feira, em que ele chegara. Estranhamente teve a sensação de que se tratava de uma personagem familiar. Inexplicavelmente, trataram-se por “tu” e com uma afabilidade inesperada. A sala de visitas do escritório, que fica no 23.º andar, é minúscula. Anichou-se no sofá da sala de espera. Não demorou que uma assistente do escritório viesse ao seu encontro, perguntando-lhe se queria um chá ou café.

— *Tea, please* — dissera ele.

— *With milk?* — perguntara a jovem sul-africana.

Era uma mulher magra. Reparou-o quando se fixou sobre as suas pernas longas e finas. Depois respondeu:

— *Just tea.*

Olhou, depois, para os jornais sobre a mesa de centro. Tanto o *Star* como o *Guardian* nada traziam que o interessasse o bastante. Olhou para a paisagem envidraçada e viu uma Joanesburgo já fora de casa, na sua azáfama. Uma Joanesburgo negra, mestiça, branca. Multirracial. Agradava-lhe esse facto.

Quando Carla Motau começou a contar a sua história, abriu a sua Moleskine e pôs-se a anotá-la com letra miudinha e quase imperceptível.

— É uma boa história, murmurou para si.

Tinha ali o seu livro, precisava apenas de mergulhar na história, recuar nos anos de 1980, os anos dementes, diabólicos, extenuantes, empolgantes, exuberantes, virulentos, de fome e morte, desgraça e miséria, os anos das bichas a 1h da manhã nos talhos à espera da carne de Botswana, das bichas nas Lojas do Povo³⁵, onde apenas sobreviviam sandálias de plástico e pensos higiénicos *Modess*, anos do repolho, da farinha amarela, do carapau de Angola. Mas também anos solidários. Anos de consentido sacrifício para que Joanesburgo, a cidade que ele admirava do alto de uma das torres do Carlton Centre, fosse livre.

Anos da sua juventude, anos em que viu morrer muitos dos seus companheiros de jornada, tantos eram os mortos que trazia no seu bernal, nos ombros, jovens que morreram na guerra, outros que se atiravam dos prédios tanto era o desespero, em fuga para parte nenhuma, mortos na estrada nacional número 1, mortos no hospital de longas e irredimíveis hemorragias, mortos, simplesmente mortos. Assassinados pelo tempo que lhes coube viver.

Foi quando o antigo jornalista reparou na reprodução em papel de uma fotografia que ela tinha por cima da impressora, do seu lado esquerdo. O homem era muito parecido com William Faulkner.

³⁵ Famosas lojas de abastecimento da população no tempo da revolução.

— Quem será? — indagou-se.

Voltou a olhar para Carla Motau enquanto matutava na fotografia do homem que se parecia com o escritor norte-americano.

— Vou escrever um livro sobre a tua vida.

Carla sorriu, anuindo.

— Eu tenho uma outra história para te contar.

Marcello Caltagirone vivia em Richards Bay. Há 23 anos chegara a Durban, vindo de Itália, da Sicília, onde nascera. Casara com uma sul-africana, professora, de quem tinha três filhos, uma menina e dois rapazes gémeos.

Separou-se da professora. A mulher ficou com tudo. A empresa que tinha à época abriu falência, queria reconstruir sua vida, começar de novo. Idealizou uma doca seca em Maputo, há muito que trabalhava em portos. Procurou contactos na África do Sul do CFM. Foi quando conheceu a Carla, ao telefone.

— *I will call you back.*

Dissera-lhe, depois de tentativas infrutíferas para estabelecer contacto com o representante comercial da empresa. A secretária foi prestimosa, à falta de notícias e de respostas concretas, forneceu algumas pistas para Marcello levar a Maputo.

Tudo começou e terminou ao telefone. Carla e Marcello apaixonaram-se e amaram-se ao telefone desde o tempo em que aquele procurava interlocutores em Moçambique para o seu projecto. Ela regressou à sua juventude, aos tempos em que suspirava enquanto ouvia promessas de amor eterno de outro lado da linha. Carla jamais imaginou a cara de Marcello, ele também não a conhecia, ambos ficaram presos à magia da voz, ao telefone.

Marcello disse-lhe, numa sexta-feira, depois de uma longa conversa ao telefone:

— *I will die.*

Carla não lhe dera importância. Uma frase banal, pensara. Na segunda-feira, ela tentou falar com Marcello. Da empresa, em Richards Bay, uma voz feminina pediu-lhe:

— *Just old on.*

Hugo Gibbs, o parceiro de Marcello Caltagirone nos negócios, foi ao telefone e deu-lhe a notícia. O homem tinha se suicidado durante o fim-de-semana. Na quarta-feira seguinte havia a missa e depois o corpo seguia para a Itália.

Carla, antes de desligar o telefone, com a voz sufocada pela dor surda, prometeu:

— Custe o que custar, eu vou.

Hugo deu-lhe as indicações, explicou tudo sobre o lugar onde se encontravam e disse-lhe o hotel onde iria ficar e os respectivos contactos.

Durante a viagem no *Expresso* da Grayhound, Carla Motau não deixou de pensar nos sonhos que tinha para viver com Marcello Caltagirone. Saíra do Park Station, ali na baixa de Joanesburgo, às 10h de uma manhã tão buliçosa como as outras, e chegara às 15h do mesmo dia. Só depois do machimbombo sair da zona de Joanesburgo é que Carla pensou na partida que aquele homem lhe pregara. Não era a primeira vez que a ironia lhe demarcava o destino. Era a terceira. A primeira tinha sido o desencontro com Paul Dikelede, depois fora o pai que desaparecera e agora era o italiano Marcello. Não podia ser. Algo estava errado. Era o terceiro homem com quem se desencontrava. No autocarro tocava um disco de Hugh Masekela: *Hope*. Quando ela regressou à realidade da paisagem, ouvia-se *Market Place*. Era o tema *Stimela*, que lhe lembrava Paul Dikelede. Era o disco de *Mandela (Bring him back home!)*, *Languta*, *Lady*, entre outras músicas que ela gostava de ouvir.

Durante os meses em que falaram ao telefone, de tudo escalpelizaram menos o impossível encontro. Sonharam viagens e destinos, Carla na sua casa, estendida, com os pés sobre a mesinha onde pousava o telefone, enquanto namorava com Marcello nas tardes de um amor que parecia adolescente.

Marcello prometera levá-la a Roma, à cidade eterna. Iria com ela à Cidade do Vaticano, à praça São Pedro. Fi-

cariam uma tarde inteira na Piazza Navona bebericando um chá, enquanto os turistas se extasiariam nos flashes das suas máquinas fotográficas. Iriam ao antigo Coliseu. Passariam longamente pela Via Condotti, pela Via Veneto, pela Via Nazionale, onde se atardariam a fazer compras. Como era possível?

E os planos que tinham para a Catembe, do outro lado da baía de Maputo, com a larga vista sobre o Índico e a miragem de Nova Iorque que os prédios da cidade moçambicana inventam? Tantas promessas, tantos planos, o amor certo para ela, depois dos quarenta anos. Olhar para o mar, passear na vila dos pescadores, deixar-se na lentidão da conversa, andar descalça na praia e comer peixe fresco, tudo isto era um sonho. Era a promessa dos dias que já não viveria com Marcello.

A missa à memória de Marcello Caltagirone foi uma cerimónia curta mas intensa. De grande emoção. Carla não lembra os pormenores da velha igreja, nem o rosto do oficiante. Esteve ali, de olhos bem fechados, tentando imaginar como seria aquele siciliano que a amara sem a conhecer. Foi uma estranha missa de corpo ausente. Entre a cerimónia do adeus e as horas para fazer embarcar a urna para Sicília não havia conciliação possível. Outro estranho desencontro. Nem sequer podia conhecê-lo depois de morto. O corpo de Marcello seguira para Durban, a cidade

mais próxima com ligações aéreas que possibilitassem a transladação da urna para a Itália.

Hugo mostrou-lhe discretamente os filhos e a antiga mulher, todos ali presentes na cerimónia. No final, antes de ela seguir para o hotel, onde descansaria, à espera da partida no dia seguinte, não se esqueceu de pedir a Hugo.

— Tens uma fotografia dele?

Hugo:

— *I have got a magazine in my case.*

Foi do *Corporate profile* da empresa que Carla Motau viu pela primeira vez a fotografia de Marcello Caltagirone, que, aos 52 anos, interrompeu a longa conversa que eles tinham e se subtraiu deste mundo. Ela recortou a imagem daquele homem, tirou uma fotocópia e ampliou-a. Colou-a junto de si. Ali permanece desde que regressou de Richards Bay. O homem não é capaz de evitar o encontro de ambos, mais do que fortuito, todas as manhãs, quando Carla sussurra:

— *Hi!*

E faz um gesto com os dedos da mão direita, numa estranha cumplicidade com uma pessoa que nunca encontrou fisicamente e que jamais conhecerá. A fotografia está ali: o cabelo grisalho. Marcello parecia ter muito mais do que os anos que realmente tinha, usava bigode e olhava placidamente para um ponto que lhe indicaram, na altura em

que fixaram para a eternidade. O rosto lembrava o escritor norte-americano na fotografia da contracapa de uma velha edição de *O som e a fúria*.

O escriba aponta tudo na sua Moleskine. A realidade que enfrentava ultrapassava a própria ficção. Que história iria contar? A do companheiro de Nelson Mandela, morto na Swazilândia, em 1987? A do italiano Marcello Caltagirone?

O antigo jornalista anota, com sofreguidão, as palavras da sua futura personagem. Carla sorri, placidamente, enquanto olha para o largo panorama da cidade lá embaixo: Joanesburgo é uma cidade embrenhada no seu próprio labirinto naquela manhã de fevereiro. Uma cidade arco-íris. Provavelmente, o bulício é estonteante àquela hora, mas do lugar onde estão, com os vidros fechados, apenas ouvem uma vaga de fundo longínqua.

O jornalista está curvado. Escreve com a sua letra miudinha na Moleskine, os lendários cadernos de capa preta usados por Ernest Hemingway, Pablo Picasso, Bruce Chatwin ou Luís Sepúlveda.

Carla, entretanto, interrompe a sua narrativa, levanta-se e vai atender uma chamada telefónica.

— *No!* — ouve-se um grito seco.

Carla irrompe num choro que paralisa o escritório.

— *No!*

Ela está prostrada à secretária. Veste-se de verde e branco, as cores da companhia ferroviária para a qual trabalha, diante da fotografia de Marcello Caltagirone. Do outro lado da linha, suspenso, ainda se ouvia a ruidosa respiração do velho pai de Carla Motau, desaparecido 33 anos antes.

O escriba mantém a Moleskine apoiada sobre o colo. Tremem-lhe as mãos. Não sabe o que fazer: correr e amparar a mulher que chora ou registrar aquele momento no seu caderno de capa preta? Está aturdido. Olha para a sua personagem, que se desvela em lágrimas. Mas percebe que ela quer estar só. Aquela momento não pode ser partilhado. Trocam olhares. Ele inclina-se, levemente, em sinal de respeito. Ela anui perante aquele gesto solidário. O jornalista retoma o ofício e anota os pormenores. A letra é ilegível, contudo o traço parece vigoroso.

No dia dos seus quarenta anos acaba de descobrir a surpreendente história do seu romance.

a terra dos homens sem sombra

Contarei esta história como se fosse uma lenda. Eu regressava de Inhambane, tinha ido a uma missa do meu avô, quando caí numa emboscada. Vivíamos os anos de 1980. Ainda hoje me confunde este enredo: não sei se é realidade ou fábula. Sei que eu tinha necessidade compulsiva de a contar, como se uma forma de exorcismo. Provavelmente, muitos não acreditarão que ela é verdadeira, dir-me-ão que a inventei, que não existe a aldeia mítica, perdida na vasta savana da minha terra, chamada Tiko, aonde apenas se chegava através de caminhos ínvios e cujos habitantes tinham uma singular característica.

Cheguei por uma dessas tardes banhadas pelo sol poente. Viera de uma longa caminhada como um verdadeiro fugitivo. Ao fim de tantos dias, da minha infinita caminhada no mato, perdido quase sempre, sem bússola, sem norte, chegara ao entardecer a uma povoação, onde se tocava o batuque e se dançavam coreografias sensuais à volta da fogueira.